

Jakobson, um linguista da enunciação, mas de qual enunciação estamos falando? Uma investigação em linguística geral

*Jakobson, an enunciative linguist, but what enunciation are
we talking about? an investigation in General Linguistics*

Isabela Barbosa do Rêgo Barros

Universidade Católica de Pernambuco
(UNICAP) | Recife | PB | BR
isabela.barros@unicap.br
<https://orcid.org/0000-0002-0123-7670>

Silvana Silva

Universidade Federal do Rio Grande do
Sul (UFRGS) | Porto Alegre | RS | BR
ssilvana2011@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0002-4069-580X>

Resumo: Este trabalho aborda os construtos teóricos de Jakobson alinhados a uma linguística geral, evidenciando a aproximação entre o linguista da comunicação e a linguística da enunciação. O corpus de análise é composto por textos da edição brasileira da obra *Linguística e Comunicação* e o texto *Les embrayeurs*, que está no volume I da obra *Essais de Linguistique Générale*. A leitura dos textos delineia o pensamento jakobsoniano entre enunciação e comunicação e, ao final, constata que não há um critério cronológico entre as publicações que assegure a passagem de uma concepção comunicativa ou funcionalista de linguagem para uma concepção enunciativa, mas que os temas se encontram dispostos no interior e entre os textos. As evidências encontradas demonstram que Jakobson propõe uma linguística geral ao revelar uma interlocução contínua e crítica com outros campos do saber, ao trazer conceitos operadores gerais para explicar problemas práticos de linguagem e ao fazer da linguística uma ciência da significação. Aliás, é o tema da significação, transversal a todos os textos analisados, que coloca em perspectiva comunicação e enunciação e marca o lugar de Roman Jakobson entre os principais linguistas do século XX.

Palavras-chave: Linguística geral; Roman Jakobson; enunciação; comunicação.

Abstract: This paper addresses Jakobson's theoretical postulations aligned with general linguistics, highlighting the approximation between a linguist interested in the communication process and the linguistics of enunciation. The corpus of analysis is composed of



texts from the Brazilian edition of the work *Linguistics and Communication* and the text *Les embrayeurs*, which is in volume I of the work *Essais de Linguistique Générale*. The reading of the texts outlines Jakobson's thinking between enunciation and communication and, in the end, it is found that there is no chronological transition from a communicative or functionalist conception of language to an enunciative conception; these themes are interspersed within and among his texts. Our study demonstrates that Jakobson proposes a general linguistics by revealing a continuous and critical interlocution with other fields of knowledge, by bringing general operator concepts to explain practical problems of language and by making linguistics a science of meaning. In fact, it is the theme of meaning, found in all the texts analyzed, that puts communication and enunciation into perspective and marks Roman Jakobson's place among the main linguists of the 20th century.

Keywords: general linguistics; Roman Jakobson; enunciation; communication.

1 Introdução

É muito comum encontrarmos em livros ou manuais de linguística a associação do nome de Jakobson ao chamado campo dos estudos enunciativos, de maneira geral, ou mesmo à linguística da enunciação de forma particular. Este é o caso de Flores e Teixeira (2005) e de Flores *et. al.* (2009), apenas para citar algumas obras.¹ O primeiro denomina Jakobson como “o linguista da comunicação” (Flores; Teixeira, 2005, p.21). O segundo, dividindo os autores do campo enunciativo entre aqueles que produzem um modelo de análise e aqueles que não o fazem, coloca Jakobson nesse segundo lugar, a saber, o de apresentar “propostas teórico-metodológicas de análise enunciativa explicitamente elaboradas.” (Flores *et. al.* 2009, p. 15). A nosso ver, considerar Jakobson duplamente como um linguista vinculado a uma suposta área conexa ou interdisciplinar – a comunicação – e ao mesmo tempo dizer que ele faz parte de um grupo de linguistas com proposta metodológica é, para dizer, o mínimo, paradoxal. A tese que defendemos nesse artigo é que Jakobson propõe uma linguística geral de envergadura comparável à de grandes linguistas como Ferdinand de Saussure² e Émile Benveniste.³

¹ Da mesma forma, em uma obra mais antiga, a de Brait (2001) encontramos a referência a Jakobson como um autor que contribui para os estudos enunciativos.

² A tese de que Saussure propôs uma “linguística geral” está em Flores (2023).

³ A consideração de que Benveniste elaborou uma “linguística geral” está em Flores (2022).

No entanto, como toda ciência linguística demanda fazer a sua ‘tarefa’ epistemológica, qual seja, rever continuamente seus pressupostos, princípios e afirmações, como nos ensina Saussure, pensamos ser o momento de olhar com mais atenção para este linguista, dito tão ‘importante’ mas tão ‘esquecido’, apesar de recorrentes afirmações de ser fundamental para o campo dos estudos enunciativos, para o campo de estudos funcionalistas, para a fundação da fonologia, para o campo de estudos semióticos, só para citar alguns. Não pretendemos neste trabalho explicar a razão do esquecimento de Jakobson pela contemporaneidade da Linguística nem adentrar em aspectos historiográficos, ainda que necessários. Nosso objetivo é mais modesto e parte de uma premissa simples: se há associação entre o denominado linguista da comunicação e a linguística da enunciação, qual é esta relação? Há emparelhamento constante ou há pontos de divergência e distanciamentos? Ou mesmo: retomando a leitura de Normand (2009) para os textos de Benveniste, qual seja, a de que “não há em Benveniste uma revolução enunciativa; a busca dos traços de subjetividade nas formas linguísticas está presente desde o início e se teoriza pouco a pouco entre hesitações e afirmações” (p. 161), há também para Jakobson uma paulatina e hesitante teorização da comunicação como enunciação?

Badir (2020) é bastante preciso sobre a dificuldade existente com a palavra ‘enunciação’. Ao empreender uma breve história epistemológica da linguística, o autor questiona o estatuto de ‘enunciação’ tanto como ‘noção’ – como requer Ono (2009) –, já que se poderia pensar nela em outros autores, quanto como ‘conceito’, uma vez que não há estabilidade referencial em Benveniste. Badir (2020) acrescenta ainda que não se pode pensar em ‘enunciação’ nem como *termo*, mas sim como *termo em devir*, quer dizer, um termo que se constrói *a posteriori* por uma comunidade de pesquisadores que atribuem a Benveniste um certo ‘imaginário’ de fundação de uma linguística, em grande medida diferenciada de um estruturalismo e de um gerativismo, já que “Em Benveniste, *enunciação* não encontra um posicionamento claro diante de um termo já estabelecido.” (2020, p. 48). De forma análoga, podemos nos perguntar se o rápido estabelecimento de Jakobson como linguista importante para o campo de estudos enunciativos não se daria em função de um certo ‘contorno’ contextual em torno da palavra ‘comunicação’, uma vez que esta se apresenta como ‘novidade’ em função da chamada e emergente teoria da comunicação?

Muitas são as questões e os enviesamentos epistemológicos e institucionais aí presentes. Neste emaranhado de dúvidas, pensamos que a proposta de Flores (2012) nos ajuda a percorrer esse labirinto. O autor observa a existência de três tipos de usos de “enunciação” nos textos de Benveniste, a saber, uma variação ou *flutuação conceitual*, uma *homonímia terminológica* e uma *sinonímia terminológica*. Tendo em mente essas relações (mas também podendo observar outras), é que procuraremos traçar o percurso teórico-contextual das relações entre *comunicação* e *enunciação*.

Uma palavra final: recentemente, Flores (2023) propõe que a linguística seja concebida como uma epistemologia única (p. 13). O primeiro aspecto ressaltado pelo autor é que esta epistemologia tem como tarefa “dar a conhecer as diferentes possibilidades da passagem do empírico ao formal” (p.14). O segundo aspecto é trazido em Epílogo pelo autor, e mostra que essa assimilação entre ‘epistemologia’ e ‘linguística(s)’ deve ser mais bem compreendida como entende Benveniste: “[...] a linguística geral é a linguística que se interroga sobre si mesma” (p.16). Ora, essa segunda proposição nos mostra que há uma dupla tarefa da epistemologia única: a primeira vinculada a uma *hipótese interna* – para usar os termos de

Ducrot – para a epistemologia, qual seja, ser tarefa disciplinar de ‘cada’ linguística – e uma segunda vinculada a uma *hipótese externa*, qual seja, que a epistemologia pode ser feita por uma *linguística geral* que não tem compromisso direto com ‘teorias’, ‘disciplinas’, ‘compreensões históricas’ do fazer linguístico, mas com uma compreensão de maior envergadura da linguagem e da linguística no seio das ‘ciências humanas’, como aliás quis Saussure (1997,, p. 24). Nesse sentido, nossa proposição de base é que Roman Jakobson – à semelhança de Ducrot, evocado acima – opera também com uma dupla epistemologia: a de uma *linguística particular* que põe em paralelo ‘enunciação’ e ‘comunicação’ e a de uma *linguística geral* em que a ‘comunicação’ tem um estatuto teórico mais elevado que ‘enunciação’.

Além disso, entendemos, com Normand (2000a, p. 447 apud Flores e Othero, 2024), que a tentativa de formulação de uma *linguística geral* passa pela resolução dos seguintes problemas, a saber,

[primeiro] necessidade de esclarecer a relação da linguística com as outras ciências e com a filosofia. Para ser geral, a linguística deve tomar emprestado de outros os complementos ou mesmo o seu quadro teórico? [...], [segundo] necessidade de passar da descrição à explicação unificante, pois a observação dos fatos é muito pouco se somos capazes de fornecer deles a explicação, [terceiro] necessidade de rever os problemas ligados pela tradição gramatical: os resultados obtidos pela descrição minuciosa dos fatos permitiriam retomar, sobre outras bases, as grandes questões das gramáticas gerais? [quarto] necessidade de reintroduzir a significação, no estudo que, por quase um século, se quer estritamente formal, [quinto] necessidade de refletir sobre o método: podemos continuar, quando seguimos os modelos das ciências exatas, a acreditar apenas na observação direta dos fatos e a reduzir a teoria a um conjunto de técnicas? (Flores; Othero, 2024, p. 107).

Ora, procuraremos demonstrar que Roman Jakobson propõe uma *linguística geral* pois se debruça sobre, no mínimo, três dos cinco problemas acima elencados, notadamente o primeiro, pela relação contínua e crítica que Jakobson faz entre a Linguística e a Antropologia, a Linguística e as Teorias da Comunicação, a Linguística e a Neurologia; o segundo, pela busca de conceitos operadores gerais para explicação de problemas práticos, tais como o da tradução; e o quarto problema, que é transversal a todos os textos que analisamos nesse trabalho. Demonstrar o funcionamento da *linguística geral* de Roman Jakobson é o propósito deste texto e das páginas seguintes.

2 Percurso teórico-textual: relações entre comunicação e enunciação

Nosso corpus de trabalho e escrutínio será composto pela edição brasileira da chamada “Linguística Geral” de Roman Jakobson, a saber, a obra intitulada *Linguística e Comunicação*, bem como um (1) texto⁴ do volume I dos *Essais de Linguistique Generale*, a saber, *Les embrayers, les categories verbales et le verbe russe*. O critério cronológico será utilizado na abordagem dos

⁴ Em entrevista com o tradutor de *Linguística e Comunicação*, o professor Izidoro Blikstein, foi possível compreender que as razões da não tradução do texto *Les embrayers* foram puramente comerciais (consulte-se Silva, 2024). Considerando seu impacto na linguística brasileira a partir da leitura de Fiorin (2000), não poderíamos, no entanto, deixar esse texto de fora do *corpus*.

capítulos para que se seja possível acompanhar a ‘evolução’ do pensamento jakobsoniano, a exemplo dos princípios de leitura propostos por Flores (2012, 2022)⁵ para Émile Benveniste.

Para cada texto, abordado procuraremos responder às seguintes questões:

- ◆ 1. A noção de *enunciação* é expressa ou subentendida?
- ◆ 2. Há relação de aproximação ou distinção semântica entre *enunciação* e *comunicação*?

Após a leitura conjunta dos artigos, procuraremos responder a seguinte questão envolvendo o aspecto cronológico da formação da obra jakobsoniana, a saber, há estabilidade ou flutuação conceitual nos sentidos de *comunicação* e/ou *enunciação* ao longo da obra jakobsoniana? (pergunta de Flores, 2012).

Vamos então ao exame dos textos.

Publicado em 1953 no *International Journal of American Linguistics*, porém, apresentado, anteriormente, como um informe final da Conferência de Antropólogos e Linguistas, realizada em julho de 1952, na Universidade de Indiana, nos Estados Unidos da América, o texto “A linguagem comum dos linguistas e dos antropólogos”, em seu preâmbulo, mostra a postura de Jakobson em defesa de uma linguística geral informando aos antropólogos que “[...] nosso objetivo supremo é a observação da linguagem em tóda a sua complexidade. Eu diria, parafraseando Terêncio: *Linguista sum: linguistici nihil a me alienum puto.*” (Jakobson, 1975, p.16-17)⁶ [nota nossa] Essa citação em latim é retomada ao final do texto “Linguística e Poética” quando Jakobson reafirma seu entendimento sobre a dimensão da ciência da linguagem:

Esta minha tentativa de reivindicar para a Linguística o direito e o dever de empreender a investigação da arte verbal em toda a sua amplitude e em todos os seus aspectos conclui com a mesma máxima que resumia meu informe à conferência que se realizou em 1953 aqui na Universidade de Indiana: *Linguista sum: linguistici nihil a me alienum puto.* (Jakobson, 1975, p. 161)

Logo em seguida defende que a linguagem é o elemento que aproxima os linguistas dos antropólogos: “Com efeito, os antropólogos têm sempre afirmado e provado que a linguagem e a cultura se implicam mutuamente, que a linguagem deve ser concebida como uma parte integrante da vida social, que a Linguística está estreitamente ligada à Antropologia Cultural.” (Jakobson, 1975, p.17) Para o autor a linguagem é o fundamento da cultura.

Para Jakobson não existe propriedade privada na linguagem, pois a língua é socializada no intercâmbio verbal entre os interlocutores. Mas, afinal, de qual concepção de linguagem o autor está tratando ou propondo? Essa questão é respondida mais adiante no texto quando Jakobson apresenta aos antropólogos seu lugar de pensador da comunicação. Porém, ao tratar dos fatores fundamentais que acompanham a comunicação, a saber, a mensagem, o emissor, o receptor, o tema e o código, Jakobson se distancia da perspectiva formalista e descritiva, centrada na efetividade da circulação da mensagem, para refletir sobre os “[...] dois protagonistas do ato de comunicação, o emissor e o receptor” (Jakobson, 1975, p.19), caracterizados por: “[...] quem fala, sua atitude em relação ao que diz e a quem o ouve.” (Jakobson, 1975, p.19).

⁵ Ainda que Flores (2012, 2013) não organize sua leitura de Benveniste puramente a partir de critérios cronológicos e sim conceituais, é possível perceber em sua discussão que o tempo de produção intervém na classificação.

⁶ Tradução nossa: Sou linguista: nada na linguística me surpreende.

O autor não explicita a enunciação decorrente da relação entre um 'eu' e um 'tu' em sua exposição, mas ao destacar os dois protagonistas da comunicação, quem fala (o 'eu', emissor da mensagem) e quem escuta (o 'tu', receptor) em uma ação sobre o que se diz, Jakobson traz reflexões sobre o que seriam os dêiticos da enunciação: o locutor (eu), o alocutário (tu) em uma situação de espaço e tempo no discurso.

Parece haver uma sinonímia terminológica entre os aspectos dos agentes da comunicação (emissor, receptor) e os protagonistas do ato enunciativo (eu, tu), que se descontinam ao longo do texto, mas que não se deixam evanescer nas considerações sobre a comunicação:

Mencionamos os fatores implicados no ato da fala mas nada dissemos das interações e permutações possíveis entre esses fatores - por exemplo, os papéis de emissor e de receptor podem confundir-se ou alternar-se, o emissor e o receptor podem tornar-se o tema da mensagem etc. (Jakobson, 1975, p.21)

A essa discussão sobre os agentes da comunicação, Jakobson deixa transparecer uma posição antropológica do falante, a partir de uma tomada de consciência de si e do outro, pois

Quando fala a um novo interlocutor, a pessoa tenta sempre, deliberadamente ou involuntariamente, alcançar um vocabulário comum: seja para agradar, ou simplesmente para ser compreendido ou, enfim, para livrar-se dêle, empregam-se os termos do destinatário. A propriedade privada, no domínio da linguagem, não existe: tudo é socializado. (Jakobson, 1975, p.23)

As discussões iniciais traçadas no capítulo, ainda, revelam ao leitor a preocupação de Jakobson sobre o processo de semantização da língua. "Finalmente, um dos traços mais sintomáticos desta Conferência terá sido este: debatemos longa e apaixonadamente questões de sentido." (Jakobson, 1975, p.29) Segundo Jakobson, o signo linguístico para ser compreendido necessita para além dos protagonistas do ato da fala, do que ele chamou de "interpretante". Porém não seria o interpretante da língua, o sujeito originário de e em um contexto da linguagem? Ou seja: aquele que significa e é significado no discurso? Assim, o autor critica a ciência linguística que, até então, excluía os estudos da significação dos debates sobre a língua e a linguagem e põe a comunicação como um ato significativo por excelência.

O texto "Dois aspectos de linguagem e dois tipos de afasia" (1975) é um dos mais importantes para o estudo dos fundamentos da teoria da comunicação de Jakobson perceber o distanciamento do autor das concepções mecanicistas do circuito da fala. De início, no segundo parágrafo do texto, Jakobson apresenta uma preocupação epistemológica mais geral com a natureza da ciência linguística, convocando os linguistas a ocuparem seu lugar frente aos estudos da linguagem:

A Linguística interessa-se pela linguagem em todos os seus aspectos - pela linguagem em ato, pela linguagem em evolução, pela linguagem em estado nascente, pela linguagem em dissolução.

Atualmente, há psicopatologistas que dão grande importância aos problemas linguísticos relacionados com o estudo das perturbações de linguagem; algumas dessas questões foram versadas nos melhores tratados recentemente publicados acerca da afasia. Entretanto, na maioria dos casos, essa legítima insistência na contribuição dos linguistas às pesquisas sobre a afasia é ainda ignorada. (Jakobson, 1975, p.34-35)

Jakobson interroga seus pares sobre a omissão dos linguistas nas investigações sobre afasia. O “sermão” serve para o autor reivindicar um lugar e uma explicação linguística para as perturbações afásicas distante dos manuais de neurologia e de psiquiatria. Em um impulso didático-metodológico, Jakobson passa a sugerir um passo a passo dos procedimentos a serem adotados pelos linguistas em suas pesquisas que vão desde um inicial conhecimento dos termos técnicos utilizados na medicina, até a aproximação com os pacientes afásicos para a obtenção de uma análise linguística completa. É no cuidado com a linguística que Jakobson, a seguir, tece suas considerações sobre os arranjos da linguagem, aproximando-se de considerações sobre o sujeito enunciativo.

Mais que o falante ou usuário de uma língua, neste texto, Jakobson ao descrever a afasia como uma perturbação de linguagem, destaca o sujeito, que, acometido pela afasia, encontra um modo próprio de funcionamento na linguagem. Supomos, aqui, uma aproximação das considerações de Jakobson com a definição de enunciação apresentada por Benveniste no texto ‘O aparelho formal da enunciação (1970)’: “a enunciação é este colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização.” (Benveniste, 2006, p.82). O sujeito afásico jakobsoniano, usuário do sistema linguístico, encontra um modo singular de combinar e selecionar as palavras e se enuncia em meio a um discurso distorcido.

Falar implica a seleção de certas entidades linguísticas e sua combinação em unidades linguísticas de mais alto grau de complexidade. Isto se evidencia imediatamente ao nível lexical: quem fala seleciona palavras e as combina em frases, de acordo com o sistema sintático da língua que utiliza; as frases, por sua vez, são combinadas em enunciados. Mas o que fala não é de modo algum um agente completamente livre na sua escolha de palavras: a seleção (exceto nos raros casos de efetivo neologismo) deve ser feita a partir do repertório lexical que ele próprio e o destinatário da mensagem possuem em comum. (Jakobson, 1975, p.37)

Jakobson chama atenção para uma escala de liberdade na combinação de unidades linguísticas nos níveis de análise da linguagem: fonético/fonológico, morfológico, sintático ou semântico/pragmático, mantendo o usuário da língua (no dizer de Jakobson) refém do sistema linguístico. Para o autor, no nível fonológico a liberdade individual inexiste. Mas é possível ao falante, em uma situação marginal de discurso, combinar os fonemas em palavras e criar neologismos; assim como cresce a liberdade do falante em produzir diferentes frases em diferentes contextos, obedecendo, desse modo, aos princípios da enunciação: a conversão individual da língua em discurso.

Para Jakobson a combinação dá-se no mesmo signo ou com outros signos. “Isso significa que qualquer unidade linguística serve, ao mesmo tempo, de contexto para unidades mais simples e/ou encontra seu próprio contexto em uma unidade linguística mais complexa” (Jakobson, 1975, p.39). Enquanto a seleção implica a possibilidade de substituir um termo por outro equivalente. Esse movimento do sujeito em mobilizar a língua ao combinar e selecionar signos nos remete às considerações linguístico-enunciativas de Benveniste, uma vez que, na perspectiva de uma transversalidade enunciativa, termo cunhado por Flores (2010), é possível identificar a inter-relação entre as unidades de cada nível e, consequentemente, perceber o ato enunciativo. Afinal, enunciar é subjetivar a língua inteira.

Sem destituir as discussões do campo da comunicação, Jakobson ao tratar da combinação e da seleção dos signos linguísticos nos casos de afasia, retoma alguns dos preceitos

de Saussure sobre a linearidade do significante, a língua e a fala, ao colocar a combinação ao lado da fala, por ocorrer *in praesentia*, e a língua ao lado da seleção, ocorrendo *in absentia*. Porém, no decorrer das discussões, ultrapassa Saussure ao abordar a significação, inserindo conceitos como a indexicalidade das estruturas duplex e a irrepetibilidade da enunciação.

[...] Quer mensagens sejam trocadas ou a combinação proceda de modo unilateral do remetente ao destinatário, é preciso que de um modo ou de outro, uma forma de contigüidade exista entre os protagonistas do ato da fala para que a transmissão da mensagem seja assegurada. A separação no espaço, e muitas vezes no tempo, de dois indivíduos, o remetente e o destinatário, é franqueada graças a uma relação interna: deve haver certa equivalência entre os símbolos utilizados pelo remetente e os que o destinatário conhece e interpreta. Sem tal equivalência, a mensagem se torna infrutífera - mesmo quando atinge o receptor, não o afeta. (Jakobson, 1975, p. 41)

O locutor desliza na linguagem entre os polos metafórico e metonímico, selecionando e combinando os signos, de modo que as palavras se relacionam em um movimento particular. Ao manipular os dois aspectos da linguagem (a posição ocupada pelo signo e o sentido no discurso), “[...] um indivíduo revela seu estilo pessoal, seus gostos e preferências verbais” (Jakobson, 1975, p.56). E por que não dizer, o sujeito se enuncia.

As considerações de Jakobson sobre os acontecimentos na língua em um processo de afasia, coloca o autor diante de questões gerais da linguística que dizem respeito ao uso e a organização do sistema. Os argumentos de Jakobson sobre a afasia transitam entre as estruturas, as regras gramaticais e o uso da língua, em alguns casos, a partir de como o sujeito percebe e se vê como usuário do sistema linguístico, conduzindo as discussões para o campo metalinguístico. Ou seja: Jakobson, ainda que de modo embrionário, reflete sobre o que a língua pode revelar sobre ela mesma e sobre o sujeito que fala em meio a um discurso que poderíamos dizer ‘peculiar’. Há no autor a iminência de uma discussão antropológica-enunciativa que não se revela, mas que se deixa antever. Vejamos o exemplo trazido pelo autor:

Quando ele não conseguia lembrar-se da palavra designativa de “preto”, descrevia a coisa como “Aquilo que se faz para um morto”; isso ele abreviava para “morto” (I, p.198). [...] Quando é que a gente se veste de preto? - Quando se põe luto por um morto; em vez de dar nome à côr, designa-se a causa de seu uso tradicional. (Jakobson, 1975, p.49-50)

Jakobson não parece preocupado com o ato de comunicação em si, mas está às voltas com o que acontece na relação entre a língua e o sujeito que, acometido por uma afasia, desliza na linguagem “procurando na memória” signos que não foram afetados pelo transtorno. Há um sujeito que, diante de seu interlocutor, parece refletir sobre o seu dizer, faz efeito e se enuncia na linguagem. A comunicação no texto das afasias parece ganhar o contorno de enunciação.

O texto “Os embrayeurs, les catégories verbales et le verbe russe” (1957) apresenta-se de forma bastante técnica e traz uma proposta estruturante da enunciação bastante complexa, abarcando a apresentação de um conceito novo em linguística (*embrayer*), apresentando seu funcionamento no quadro linguístico e gramatical de uma língua (russa) e, por fim, revelando seu potencial para a descrição de outras línguas (inclusive indígenas). Há referência tanto a linguistas franceses como Émile Benveniste como a linguistas americanos como Bloomfield, além da referência a antropólogos e ao filósofo da linguagem Voloshinov. É dividido em qua-

tro partes, a saber, “Embrayeurs et autres structures doubles”, “Essai de classification des catégories verbales”, “Les concepts grammaticaux du verbe russe”, “Les procédés grammaticaux du verbe russe”. Dada a envergadura dessa pequena obra de arte jakobsoniana e os objetivos (mais modestos) do presente artigo, nos aterremos às duas primeiras partes do artigo, as quais, a nosso ver, se aproximam da proposição de princípios de uma linguística geral, já que o próprio Jakobson constata que os *embrayeurs* são estruturas presentes nas mais diversas línguas e não somente na língua russa. A título de exemplo e introdução da discussão:

Certaines langues telles que le bulgare, le kwakiutl et le hopi usent de procédés morphologiques spéciaux pour indiquer des événements qui ne sont connus du sujet parlant que par le témoignage des autres. Ainsi que qu'en tunica toutes les déclarations faites par oui-dire sont indiquées par la présence de -ani, suffixe de citation employé avec un mot prédictif. (Jakobson, 2003, p.177)⁷

Como definir os embrayeurs? Jakobson os classifica no início do texto como estando dentro das *estruturas duplas*. Essa duplicitade decorre de uma necessidade da linguagem, qual seja, “un message émis par le destinataire doit être perçu adéquatement pour le receveur”. E por ‘naturalmente’ não poderia ser recebida? “Le message (M) et le code sous-jacent (C) peuvent toujours être traités soit comme objets d’emploi, soit comme objets de référence. C’est ainsi qu’un message peut renvoyer au code ou à un autre message”. Dessa citação, entendemos que qualquer ato enunciativo, o que Jakobson chama de “mensagem” pode suscitar do alocutário uma outra “mensagem”, isto é, uma outra “enunciação” ou simplesmente uma remissão ao código comum, ao saber partilhado por uma comunidade linguística. A noção de embrayeurs aqui se relaciona, a nosso ver, com a noção de “mensagem”, como claramente expresso por Jakobson. Portanto, já no primeiro parágrafo entendemos que, apesar do desdobramento classificativo que depois o autor opera especialmente para o verbo na língua russa, toda e qualquer mensagem é potencialmente uma estrutura dupla pois passível de remeter aos interlocutores diretos ou à língua.

Em seguida, Jakobson divide as potencialidades das estruturas duplas em dois tipos, dois tipos de *circularidade* e dois tipos de *sobreposição*. A *circularidade* pode ser de “mensagem” a “mensagem” ou de “código” à “código”; a *sobreposição* pode ser de “mensagem” enviando a “código” - caso da “enunciação” de participação social como comentado brevemente acima - e de “código” o reenviando à “mensagem” Esse desdobramento operado pelo autor, de caráter fortemente estruturalismo e talvez mesmo inspirado na glossemática de Hjelmslev, não atrapalha a argumentação aqui proposta de uma generalidade e universalidade da categoria de embrayeurs. Mesmo que o autor, mais adiante, diga que “Tout code linguistique contient une classe spéciale d’unités grammaticales qu’on peut appeler les embrayeurs. [...]. Selon Peirce, un symbole est associé à l’objet représenté par une règle conventionnelle, tandis qu’un index est dans une relation existentielle avec le object qu’il représente.” (p. 179),⁸ entendemos que

⁷ Tradução nossa: “Certas línguas como o búlgaro, o kwakiutl e o hopi se valem de procedimentos morfológicos especiais para indicar eventos que só são conhecidos do sujeito falante pelo testemunho de outros. Da mesma forma em tunica todas as declarações feitas por ouvir-dizer são indicadas pela presença de -ani, posfixado a citações empregadas com uma palavra predicativa.” (Jakobson, 2003, p.177)

⁸ Tradução nossa: “todo código linguístico contém uma classe especial de unidades gramaticais que podemos chamar de embrayeurs (...). Segundo Peirce, um símbolo está associado ao objeto representado por uma regra

a relação ‘código’ e ‘mensagem’ sempre pode ser ‘convencional’ ou ‘existencial’ e isto depende da “enunciação”. Sem querer, a nosso ver, Jakobson apresenta o *embrayeur* não apenas como *mais uma* estrutura dupla, mas *a* estrutura dupla por excelência, uma vez que toda mensagem, todo ato enunciativo, tem o potencial de ser apreendido como tendo uma relação ‘existencial’ ou meramente ‘convencional’ com o ‘código’.

Onde podemos localizar mais exatamente no texto jakobsoniano uma discussão em que possamos confrontar o par ‘enunciação’ e ‘comunicação’? Bem, como pudemos perceber nos parágrafos anteriores o léxico da comunicação perpassa toda a teorização dos *embrayeurs*, não apenas pelo uso do quadro da teoria da comunicação e seus correlatos termos de ‘mensagem’, ‘código’, ‘emissor’ e ‘receptor’, mas também pelo recurso à discussão da natureza do(s) signo(s) linguísticos com o par *símbolo/index* em Peirce. A menção explícita ao termo ‘enunciação’ está localizada no item específico que discute a natureza dos *embrayeurs* em relação aos ‘não-*embrayeurs’*. Jakobson cita mesmo em nota de rodapé o texto “A natureza dos pronomes” de Émile Benveniste. É justamente nesse ponto que Jakobson trata da distinção entre *embrayeurs* e não-*embrayeurs* não com relação a um quadro teórico propriamente enunciativo, mas fazendo menção mais detida a Peirce, ao fenomenólogo W. Burks e na sequência ao fenomenólogo Husserl e por fim ao filósofo Russel. Se aqui nos parece que Jakobson toma a palavra ‘mensagem’ como sinônimo de ‘enunciação’, talvez isso se deve ao seu olhar bastante influenciado por essa corrente da filosofia da linguagem. No entanto, percebemos que, após longo percurso dentro do pensamento filosófico, Jakobson se afasta aos poucos dessas ideias. Vejamos:

Pour Bertrand Russell, les *embrayeurs*, ou, dans sa terminologie, les “particuliers égocentriques” sont définis par le fait qu’ils ne s’appliquent jamais à plus d’une chose à la fois. Ceci, toutefois, est commun à tous les termes syncatégorématiques. [...] En réalité, la seule chose qui distingue les *embrayeurs* de tous les autres constituants du code linguistique, c’est le fait qu’ils renvoient obligatoirement au message. (Jakobson, 2003, p. 179)⁹

Não deixa de causar espanto que o último argumento de Jakobson não faça referência a filósofos da linguagem, mas, sucessivamente, a um caso de *uso* da linguagem pela criança, isto é, ao *uso* que o escritor Guy Maupassant faz de seu próprio nome e ao estudo do linguista e antropólogo russo D. K. Zelenin sobre o tabu na língua samoieda. Essa ‘conjugação’ de dados, aparentemente disparatada, revela que a questão do funcionamento do *embrayeur* é mais ampla e complexa do que pretende resolver a teoria da comunicação. Vejamos:

Enfin, “je” pourra être si rigoureusement substitué par l’enfant à son nom propre qu’il en viendra à nomer spontanément les personnes de son entourage mais refusera obstinément d’énoncer son propre nom: le nom n’a plus pour son jeune porteur qu’une **signification vocative** qui s’oppose en tant que surviance infantile. Ainsi

convencional, enquanto um *index* está numa relação existencial com o objeto que ele representa.” (p. 178)

⁹ Tradução nossa: “Para Bertrand Russell, os *embrayeurs*, ou, na sua terminologia, as “partículas egocêntricas” são definidas pelo fato que elas não se aplicam jamais a mais de uma coisa ao mesmo tempo. Isso é, todavia, comum a todos os termos sintacategorêmáticos. [...] Na realidade, a única coisa que distingue os *embrayeurs* de todos os outros constituintes do código linguístico é o fato de que eles remetem obrigatoriamente à mensagem.” (Jakobson, 2003, p. 179)

Guy de Maupassant avouait que son nom, quand il le prononçait lui-même, rendait un son tout à fait étrange à ses oreilles. Le refus de prononcer son propre nom peut être érigé en coutume sociale. Zelenin note que, dans la société samoyède, le nom propre était tabou pour son porteur. (Jakobson, 2003, p. 180) [grifos nossos].¹⁰

Na citação acima, percebemos que os *embrayeurs* participam de um processo de aprendizagem linguística que não passa somente pelo uso alteritário do vocativo, mas pelo uso auto-referencial que implica uma responsabilidade autorreferencial¹¹. Mas o que isso teria a ver com o tabu linguístico e com o estranhamento da própria voz? Aqui, a nosso ver, Jakobson mais aponta ou sinaliza do que qualquer outro gesto epistemológico, que a teorização dos *embrayeurs* está por se fazer por agrega dimensões da “mensagem” que a teoria da comunicação não abarca, a saber, a voz, as restrições sociais e culturais (de toda e qualquer língua) e mesmo a questão do par alteridade/identidade que perpassa as trocas entre ‘emissor’ e ‘receptor’.

Concluímos que Jakobson, embora explicitamente teorize sobre as relações entre comunicação e enunciação num quadro teórico fenomenológico ou bastante afeito às teorias clássicas da comunicação, ele nos interroga implicitamente sobre os desdobramentos de tal teorização em um quadro antropológico-enunciativo, eis que o associa a noções caras aos estudos enunciativos tais como ‘uso’, ‘interdição’. Assim, entendemos que há uma *implícita* distinção semântica entre ‘comunicação’ e ‘enunciação’. No entanto, o autor não explora todas as consequências de uma tal distinção. Afinal, o *embrayeur* se define apenas pela oposição entre referência à língua por uma relação existencial ou convencional ou também diria respeito ao uso mais ou menos ostensivo de referência a si mesmo e a possíveis valores enunciativos de valoração social, logo se trataria de questão centralmente enunciativa e não apenas questão linguística formal *stricto sensu*?

O texto “Aspectos linguísticos da tradução” (1975 também apresenta a problemática da tradução do ponto de vista da filosofia da linguagem (Bertrand Russel) e, em seguida, da Linguística. Iniciaremos tratando do problema para a Linguística. Interessante observar que, já de início, o autor situa o problema da tradução ao lado do problema da natureza do signo linguístico. Mais interessante ainda é constatar que ele informa que tanto para o linguista quanto para o usuário comum das palavras:

o significado de um signo linguístico não é mais que sua tradução por um outro signo que lhe pode ser substituído, especialmente um signo ‘no qual ele se ache desenvolvido de modo mais completo’ como insistentemente afirmou Peirce, o mais profundo investigador da essência dos signos. O termo ‘solteiro’ pode ser convertido numa designação explícita, ‘homem não casado’, sempre que maior clareza for requerida. (Jakobson, 1975, p. 43)

¹⁰ Tradução nossa: “Enfim, “eu” poderá ser tão rigorosamente substituído pela criança por seu nome próprio que ele nomeará espontaneamente as pessoas de sua convivência, mas se recusará obstinadamente a enunciar seu nome próprio: o nome não tem para seu jovem portador senão uma significação vocativa que se opõe como sobrevivência infantil. Da mesma forma Guy de Maupassant admitiu que seu nome, quando pronunciado por ele próprio, produzia um som muito estranho a seus ouvidos. A recusa de pronunciar seu próprio nome pode ser elevada a costume social. Zelenin nota que na sociedade samoieda o nome próprio seria tabu para seu portador.” (Jakobson, 2003, p. 180)

¹¹ Para aprofundar essa discussão, sugerimos consultar Silva (2011).

Já nesse início de discussão, percebemos a evocação da teoria da comunicação: o falante é entendido como ‘usuário comum das palavras’. Além disso, percebemos ainda a convocação do critério do uso - de ordem, portanto enunciativa - como determinado dos processos tradutórios. Assim, há, a nosso ver, uma certa associação entre aspectos do campo da ‘comunicação’ e aspectos do campo da ‘enunciação’.

Em seguida, Jakobson propõe uma classificação da interpretação signo linguístico a partir de critérios linguístico-semióticos: “o signo pode ser traduzido em outros signos da mesma língua” e temos a tradução intralingual; “em outra língua” e temos a tradução interlingual ou propriamente dita; e, por fim, a tradução “em outro sistema de símbolos não verbais”, dita tradução intersemiótica ou transmutação. Tanto no primeiro quanto no segundo tipo “não há equivalência completa entre as unidades do código”. Mais uma vez, observamos a interferência da teoria da comunicação, a qual parece trazer a discussão de uma necessidade de ‘equivalência’ em função de um chamado ‘código’. Mais adiante Jakobson chega a afirmar que não se trata de mera interferência, mas de problema central para a Linguística: “A equivalência na diferença é o problema principal da linguagem e a principal preocupação da Linguística.” (p. 43-44). Chega mesmo a falar da importância teórica prática de dicionários e gramáticas bilíngues que comparem todas as unidades correspondentes. Se o problema da ‘equivalência’ parece ser traduzido da problemática da *comunicação*, por sua vez, mais adiante, Jakobson trata da própria natureza da linguagem e da *enunciação* como uma solução para a inexistência de instrumentos linguísticos capazes de fazer todas as equivalências necessárias para uma (boa) tradução. Vejamos:

A **faculdade de falar** determinada língua implica a faculdade de falar acerca dessa língua. Tal gênero de operação ‘metalinguística’ permite revisar e redefinir o vocabulário empregado. (Jakobson, 1975, , p.44) [grifos nossos]

Em citação anterior, Jakobson usa o termo ‘discurso’ ao lado de ‘mensagem’ para dizer que o processo de tradução envolve uma forma de discurso indireto: o tradutor recodifica e transmite uma mensagem recebida de outra fonte” (p. 43). Percebemos que, embora Jakobson não teorize diretamente, há uma menção implícita à dimensão enunciativa quanto emprega eventualmente termos como ‘falante’, ‘tradutor’, ‘faculdade de falar’.

Por fim, Jakobson trata detidamente do que antes chamou de problema central da linguística: *a equivalência na diferença*. Mas no que consistiria essa diferença? Seria apenas de código, como na teoria da comunicação? Nesse ponto, Jakobson faz intervir um argumento essencialmente linguístico e mesmo gramatical: “As línguas diferem naquilo que *devem* expressar, e não naquilo que *podem* expressar”. Assim como no texto *Les embrayeurs*, Jakobson traz argumentação oriunda da Antropologia:

Mesmo uma categoria como a de gênero grammatical, que tão amiúde foi tida como puramente formal, desempenha papel importante nas atitudes mitológicas de uma comunidade linguística. Em russo, o feminino não pode designar uma pessoa do sexo masculino. (Jakobson, 1975, p. 45).

A noção de atitudes mitológicas é expressa pelo antropólogo Boas nos seguintes termos:

Como Boas finalmente observou, o sistema gramatical de uma língua determina os aspectos de cada experiência que devem obrigatoriamente ser expressos na língua em questão. [...] Para traduzir corretamente a sentença inglesa *I hired a worker, um russo tem necessidade* de informações complementares. (p. 45) [grifos nossos]

Percebemos aqui, sub-repticiamente, critérios de ordem enunciativa e linguística para a compreensão dos processos tradutórios. Podemos concluir que no texto *Aspectos linguísticos da tradução*, há uma relação de associação entre ‘comunicação’ e ‘enunciação’ de forma implícita, mas não menos importante do que no texto *Les embrayeurs*. Talvez aqui nesse texto o critério linguístico e enunciativo fique mais evidente, mas a terminologia da comunicação não é deixada de lado.

Linguística e Poética (1975) é, certamente, um dos mais conhecidos e citados de Roman Jakobson, além de ser o mais longo da edição brasileira. Para os fins e objetivos desse artigo, nos ateremos aos momentos em que o autor se volta para questões que abordam ou tangenciam problemáticas eminentemente do campo da enunciação e do campo da comunicação. É importante destacar ainda que este é o texto de Jakobson dentro da obra brasileira *Linguística e Comunicação* que mais expressivamente a teoria da comunicação é chamada a servir de argumento - mais precisamente duas vezes no mesmo texto. Em *Embrayers* (1957), como vimos, a teoria da comunicação comparece na definição inicial de *embrayeur* e uma única vez durante o texto. Organizamos a leitura em cinco tópicos, a saber, relações e diferenças entre Linguística e Poética; Linguagem e função poética; gêneros poéticos e função poética dominante; função poética e princípio da equivalência e, por fim, a poesia e a função poética. Como vemos, Jakobson parece desdobrar, ampliar, reduzir/especificar para, em seguida, centralizar sua atenção no signo ‘P/poética’.

Jakobson inicia o texto tratando das relações entre a chamada disciplina Linguística e a chamada disciplina Poética: “a Poética trata dos problemas da estrutura verbal [...] Como a Linguística é a ciência global da estrutura verbal, a Poética pode ser encarada como parte integrante da Linguística.” Apesar desse início esquemático, ainda que integrativo das duas disciplinas, Jakobson trata das continuidades entre elas, nos seguintes termos: “Existe íntima correspondência, muito mais íntima do que supõem os críticos, entre o problema linguísticos a se expandirem no tempo e no espaço e a difusão espacial e temporal dos modelos literários.” (p.81) Em seguida, justifica tal continuidade das duas disciplinas dizendo que a Poética, assim como a Linguística, também tem problemas de ordem sincrônica e diacrônica. Em seguida, traz um argumento que pode ter passado despercebido para os teóricos da enunciação: Jakobson considera que a Linguística deve ir além da ‘sentença’ como unidade de análise da língua. Em seus termos:

A insistência de manter a Poética separada da Linguística se justifica somente quando o campo da Linguística **pareça estar abusivamente restringido**, como, por exemplo, quando a sentença é considerada, por certos linguistas, como a mais alta construção analisável ou quando o escopo da Linguística se confina à gramática ou unicamente a questões não-semânticas. (Jakobson, 1975, p. 82) [grifos nossos]

A seguir, Jakobson, a partir de uma crítica à ideação como fator principal da linguagem como pretende Sapir, trazendo os *elementos emotivos do discurso* como igualmente importantes na linguagem. Por fim, traz o conceito de *subcódigos* no interior de uma ‘comunidade linguística’, o qual rapidamente desliza para a ideia de *função de linguagem* e, logo, de *função poética*, como uma função entre outras. Para definir o lugar da função poética entre as demais, Jakobson apresenta um esquema com seis elementos do que chamou de *perspectiva dos fatores de todo processo linguístico*, e, que, na verdade, são termos retirados da teoria da comunicação, a saber, *remetente, contexto, mensagem, destinatário, contato e código*.

Ora, apesar do chamado ‘vocabulário da comunicação’, percebemos em todo o percurso argumentativo de Jakobson que a consideração dos ditos *elementos emotivos do discurso* é que fazem o autor propor sua própria definição de linguagem como conjunto de funções de linguagem. Percebemos aí o papel estratégico e fundamental do campo enunciativo para organização do aparato conceitual da chamada ‘Poética’.

Um outro aspecto curioso durante a leitura da apresentação das definições das funções da linguagem é que todos ou a maioria dos exemplos são retirados de textos literários, sejam estes poéticos ou teatrais. Quando se espera que Jakobson se detenha sobre a chamada função referencial - a dita função ‘ideativa’ de Sapir - o autor se debruça em dar um exemplo de uma função que não havia sido arrolada previamente à argumentação, mas que dialoga com o chamado elemento emotivo do linguista Bühler: a *função mágica*. Vejamos:

O modelo tradicional da linguagem, tal como elucidou Bührer particularmente, confinava-se a essas três funções - emotiva, conativa, referencial [...] Certas funções verbais adicionais podem ser facilmente inferidas desse modelo triádico. Assim, a função mágica, encantatória, é sobretudo a **conversão** de uma “terceira pessoa” ausente ou inanimada em destinatário de uma mensagem conativa. {segue um exemplo de fórmula mágica lituana e depois um trecho bíblico em que o orador se dirige e clama ao Sol} (Jakobson, 1975, p. 84) [grifos nossos]

Por que nos surpreendemos? A nosso ver, Jakobson, em certo sentido, abandona uma certa concepção ‘representacionalista’ de *código/mensagem* implícita na teoria da comunicação e adentra profundamente numa concepção de língua ‘antropomorfizada’, ou seja, enunciada sempre por alguém. No trecho acima, também fica claro que as funções podem ser mutuamente conversíveis, isto é, passadas de uma a outra de acordo com o uso ou a enunciação.

Depois da apresentação das funções da linguagem, Jakobson trata da relação entre função poética e os gêneros poéticos. Dessa longa discussão, que envolve uma releitura dos gêneros clássicos sob a ótica do esquema triádico buhleriano (epopeia, lírica, poesia da segunda pessoa), é importante ressaltar, por fim, o lugar que Jakobson dá à chamada ‘função referencial’ no gênero poético, notadamente o da primeira pessoa (lírico). Em suas palavras,

A ambiguidade se constitui em característica intrínseca, inalienável de toda mensagem voltada para si própria, em suma, num corolário obrigatório da poesia. [...] Não somente a própria mensagem, mas igualmente seu destinatário e seu remetente se tornam ambíguos. [...] Qualquer mensagem poética é, virtualmente, como que um discurso citado, com todos os problemas particulares e intrincados que ‘o discurso dentro do discurso’ oferece ao linguista. (Jakobson, 1975, p. 86)

Percebemos que, embora haja ainda um traço da teoria da comunicação ('mensagem poética'), Jakobson lança ao linguista a tarefa de um estudar um objeto próprio: o discurso dentro do discurso, que apresenta, assim, suas próprias categorias analíticas, além do legado da teoria da comunicação com a qual ele mesmo opera. Temos aí realmente uma tarefa de uma linguística geral, a *linguística poética*.

O texto *Linguística e teoria da comunicação*, publicado em 1961, decorre de um trabalho apresentado por Jakobson no *Symposium on Structure of Language and Its Mathematical Aspects*, em 1960, aos engenheiros da comunicação e matemáticos:

É fato que as coincidências e convergências são notáveis entre as etapas mais recentes da análise linguística e a abordagem da linguagem na teoria matemática da comunicação. Como cada uma dessas duas disciplinas se ocupa, embora por vias diferentes e assaz autônomas, do mesmo domínio da comunicação verbal, um estreito contato entre elas revelou-se útil a ambas e não há dúvidas de que se tornará cada vez mais proveitoso. (Jakobson, 1975, p.88)

Através de discussões sobre o princípio dicotômico dos traços distintivos pautadas no conceito de signo binário, Jakobson inicia a aproximação das duas ciências: linguística e matemática, do ponto de vista da teoria da comunicação. Essa aproximação apresenta considerações jakobsonianas, sobre a comunicação, estratificadas em estruturas previstas e preparadas para codificar e decodificar mensagens.

Chamamos atenção para o título do trabalho de Jakobson que parece marcar que a Linguística e a Teoria da Comunicação são instâncias diferentes, porém, em, ao menos, dois momentos o autor tende a colocá-las em grau de semelhança:

- (i) O engenheiro admite um "sistema de classificação" de possibilidades pré-fabricadas mais ou menos comuns entre o emissor e o receptor de uma mensagem verbal, e, do mesmo modo, a lingüística saussuriana fala da *langue*, que possibilita uma troca da *parole* entre os interlocutores. (Jakobson, 1975, p.76).
- (ii) Sabe-se que durante certo período a Lingüística e a teoria da comunicação foram tentadas a tratar toda consideração relativa ao sentido como uma espécie de ruído semântico e a excluir a semântica do estudo das mensagens verbais. Atualmente, no entanto, os lingüistas evidenciam uma tentativa de reintroduzir a significação, ao mesmo tempo que utilizam a experiência muito instrutiva propiciada por esse ostracismo temporário. Uma tendência semelhante pode ser igualmente observada na teoria da comunicação. (Jakobson, 1975, p.82)

Jakobson ao trazer o tema do significado não deixa de defender seu estudo pela linguística, a partir de questões sobre o sentido que envolvam o contexto, mas não discute o que pensa sobre o assunto. Prossegue com considerações sobre a teoria da comunicação destacando, no decorrer do texto, os termos código, mensagem, emissor e receptor. O autor parece nos apresentar considerações mensuráveis e mecanicistas sobre a linguagem, inclusive sobre a linguagem poética que o mantém próximo do funcionalismo clássico.

Eis um texto em que Jakobson parece distante dos aspectos da enunciação. Em apenas uma passagem, quando o autor traz considerações sobre a troca de mensagens e a extração de informações do mundo físico sob a égide da comunicação, é possível perceber centelhas da ordem do sujeito enunciativo: "As tentativas de construir um modelo da linguagem sem rela-

ção alguma com quem fale ou ouça, e de hipostasiar assim um código desligado da comunicação efetiva, ameaçam reduzir a linguagem a uma ficção escolástica." (Jakobson, 1975, p.82) O autor critica os modelos artificiais de comunicação para defender o estudo da linguagem em uso, porém não retoma ou aprofunda a discussão sobre os sujeitos da comunicação que poderiam aproximá-lo da enunciação.

3 Balanço teórico: nas franjas da comunicação, que enunciação se apresenta?

Após ter realizado um exame textual minucioso de alguns escritos de Jakobson, uma das primeiras constatações a que chegamos é que não há um critério cronológico estável que assegure a passagem de uma concepção comunicativa ou mesmo funcionalista de linguagem para uma concepção que releve os fatores da subjetividade e da enunciação para o quadro de reflexão jakobsoniano. Encontramos, de fato, dois epicentros de discussão em que observamos que problemáticas comunicativas e enunciativas se aproximam, se recobrem, se afastam, implícita ou explicitamente.

O primeiro epicentro se refere aos textos "Les embrayeurs, les catégories verbales et le verbe russe" e o texto "Linguística e Poética". O primeiro apresenta uma discussão profunda sobre a natureza desses 'indicadores de pessoa' fazendo um recurso tanto da filosofia fenomenológica quanto da antropologia e mesmo de exemplos da literatura. Sua concepção de *embrayeurs* alarga-se, ao longo do texto, de uma concepção vinculada ao circuito da comunicação para uma concepção mais próxima de problemáticas sociais e culturais próprias do que hoje entendemos como "antropologia da enunciação". O texto "Linguística e Poética" (1960), por sua vez, propõe paulatinamente que, dentre as funções da linguagem, tanto a dita função 'ideativa' - a que embasa uma concepção 'clássica' de comunicação - quanto a função 'emotiva', deixada de lado pela Linguística, tenham o mesmo estatuto de importância. É apenas com essa concepção que é possível dar conta do fato literário como uma questão da linguagem. Ao denunciar o centramento excessivo da Linguística na função ideativa, Jakobson a nosso ver, faz mais do que propor uma 'disciplina', a *Linguística Poética*: Jakobson incorpora ao estudo da linguagem a dimensão ou função emotiva como constituinte de todos os problemas da linguagem, sejam, eles, a tradução, a comunicação, a enunciação, a afasia, entre outros.

Um segundo epicentro das relações entre comunicação e enunciação, ainda que com alcance diferente, são os textos "Dois aspectos de linguagem e dois tipos de afasia" e o texto "Aspectos linguísticos da tradução". Nesse caso, Jakobson centra sua atenção sobre 'fenômenos' ou 'fatos' de linguagem, a afasia e a tradução, e mostra como se trata antes de problemas de linguística, em primeiro lugar, e reveladores de aspectos do funcionamento da linguagem, em segundo. Ainda, podemos dizer que, ao alçar tais fatos ao lugar de aspectos da linguagem, Jakobson dilui as fronteiras entre problemáticas 'comunicativas' e problemáticas 'enunciativas', uma vez que tanto na tradução quanto na afasia não se trata de 'transmitir' um saber de uma língua ou 'revelar' ou 'impedir' a função enunciativa de um sujeito, mas de compreender que a tradução e a afasia em si são fatos gerais de linguagem e que apontam para processos inerentes a qualquer uso da linguagem (tanto que Jakobson fala da tradução

intralinguística, de um lado, e de dois tipos de afasia que podem acometer qualquer falante, isto é, atacá-lo por qualquer ‘lado’).

Retomando a proposição de Normand (2000) citada por Flores e Othero (2024) sobre os critérios de uma *linguística geral*, entendemos que Roman Jakobson propõe uma *linguística geral*, pois se debruça sobre, no mínimo, três dos cinco problemas acima elencados, notadamente o primeiro, pela relação contínua e crítica que Jakobson faz entre a Linguística e a Antropologia, a Linguística e as Teorias da Comunicação, a Linguística e a Neurologia; o segundo, pela busca de conceitos operadores gerais para explicação de problemas práticos, tais como o da tradução e o da afasia; e o quarto problema, o de fazer da linguística uma ciência da significação, problema este que observamos como transversal a todos os textos que analisamos neste trabalho. Temos sobre esse último item, um aspecto muito importante a destacar é a preocupação de Roman Jakobson em adentrar nos problemas da *significação*, seja discutindo, aproximando ou destacando aspectos das diversas funções da linguagem que colocam em perspectiva comunicação e da enunciação, seja estabelecendo as bases para a compreensão da *diversidade*¹² humana e linguística, o coloca definitivamente no rol dos linguistas do século XX que se propuseram a lançar as bases de uma linguística geral.

Declaração de autoria

Isabela Barbosa do Rêgo Barros. Discussão epistemológica. Concepção do artigo. Redação e revisão do artigo.

Silvana Silva. Discussão epistemológica. Concepção do artigo. Redação e revisão do artigo.

Referências

- BADIR, S. Benveniste seria hoje um linguista da enunciação? Tradução de Silvana Silva. *ReVEL*, vol. 18, n. 34, p.39-67, 2020. Disponível em: <http://www.revel.inf.br/files/9fd7eae8c02c-c96b944de56224415087.pdf> Acesso em: 27/02/2024.
- BRAIT, B. Estudos enunciativos no Brasil: histórias e perspectivas. Campinas: Pontes, 2001.
- BENVENISTE, E. *Problemas de Linguística Geral I*. 5 ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2005.
- BENVENISTE, E. *Problemas de Linguística Geral II*. 2 ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2006.
- FIORIN, J. L. *As astúcias da enunciação*. São Paulo: Ática, 2002.
- FLORES, V. N. A enunciação e os níveis da análise linguística. *Anais do SITED* (Seminário Internacional de Texto, Enunciação e Discurso) Porto Alegre, RS, set. 2010.
- FLORES, V. N. Notas para uma (re)leitura da teoria enunciativa. In: FLORES, V.; TEIXEIRA, M. *O sentido na linguagem: uma homenagem à professora Leci Borges Barbisan*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2012, p. 149-166.

¹² Encontramos o termo *Linguística da Diversidade* em Flores e Severo (2023). O alcance epistemológico e a envergadura conceitual que flagramos nesta reflexão deve, a nosso ver, render muitos frutos para a Linguística tanto em seu viés descritivo quanto geral.

FLORES, V. N. A linguística de Benveniste: uma teoria da linguagem. *Humanidades & Inovação*. Palmas, v., 9, n. 4, p.151-61, 2022. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/71392019>. Acesso em 10/03/2024.

FLORES, V. N.; OTHERO, G. Várias linguísticas, uma epistemologia da linguística. In: FLORES, V.; OTHERO, G (orgs.). *A linguística hoje: múltiplos domínios*. São Paulo: Contexto, 2023, p. 7-17.

FLORES, V. N. *A linguística geral de Ferdinand de Saussure*. São Paulo: Contexto, 2023.

FLORES, V. N. et. al. Enunciação e gramática. São Paulo: Contexto, 2009. FLORES, V.; SEVERO, R. Um estudo sobre a linguagem “Máscaras brancas, peles negras” de Franz Fanon. *Fórum Linguístico*, Florianópolis, v. 20, n. 3, p. 9028-9042, 2023. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/forum/article/view/92753>. Acesso em: 08/04/202.

FLORES, V.N. TEIXEIRA, M. O linguista da comunicação: Roman Jakobson. In: FLORES, V. TEIXEIRA, M. *Introdução à linguística da enunciação*. São Paulo: Contexto, 2005, p. 21-28.

FLORES, V. N.; OTHERO, G. A. Linguística geral. In: FLORES, V. N.; OTHERO, G. A . *A linguística hoje. Historicidade e generalidade*. São Paulo: Contexto, 2024, p. 105-120.

JAKOBSON, R. *Linguística e Comunicação*. São Paulo: Cultrix, 1975.

JAKOBSON, R. Les embrayeurs, les catégories verbales et le verbe russe. In: JAKOBSON, R. *Essais de linguistique générale*. 1. Les fondations du langage. Paris: Les Editions de Minuit, 2003, p.176-196.

NORMAND, C. Émile Benveniste: qual semântica? In: NORMAND, C. *Convite à linguística*. São Paulo: Contexto, 2009, p. 153-172.

ONO, A. La notion d'énonciation chez Benveniste. Limoges: Lambert-Lucas, 2009.

SAUSSURE, F. *Curso de Linguística Geral*. 20^a edição. São Paulo: Cultrix, 1997.

SILVA, S. A criança sabe responder quando diz “eu...”? A aquisição de uma função da linguagem. *Todas as Letras*, São Paulo, v. 13, n. 2, p. 98-106-, 2011. Disponível em: <https://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/tl/article/view/4011> Acesso em 04/04/2024.

SILVA, S. “A história da Linguística é furada” Uma entrevista com o Professor Izidoro Bliskestein, tradutor de Roman Jakobson. *Linguasagem*, São Paulo, v. 45, n.1, p. 109-118, 2024. Disponível em: <https://www.linguasagem.ufscar.br/index.php/linguasagem/article/view/1685> Acesso em 08/04/2025.